



OF. SMGO/DALE N° 717/2022

Belo Horizonte, 21 / 09 / 2022

Assunto: Resposta à **Proposta de Diligência ao Projeto de Lei n° 391/2022** – Aatoria da Vereadora Duda Salabert – encaminhada pelo ofício Dirleg n° 4.294/22, de 09/08/2022.

Senhora Presidente,

Reporto-me à Proposta de Diligência ao Projeto de Lei n° 391/2022, de autoria da Vereadora Duda Salabert, que “Dispõe sobre normas de funcionamento dos zoológicos e similares situados no âmbito do Município de Belo Horizonte e dá outras providências.”.

Consultadas, a Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica manifestou-se por meio do ofício FPMZB/DALE-SMGO N° 136/2022, conforme cópia anexa.

Sendo o que se apresenta para o momento, subscrevo-me.

Atenciosamente,

Leonardo Amaral Castro
Secretário Municipal Adjunto de Governo
Subsecretário de Relações Institucionais

Excelentíssima Senhora
Presidente da Câmara Municipal
Vereadora Nely Aquino
CAPITAL

Ofício FPMZB/DALE-SMGO Nº 136/2022

Belo Horizonte, 15 de Setembro de 2022.

Ref. Análise de Diligência ao PL 391/22

Senhora Diretora,

A Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica vem se manifestar contrária ao projeto de lei apresentado.

Em anexo, a manifestação técnica das gerências do Jardim Zoológico e de Educação Ambiental referente ao PL.

Atenciosamente,

**SERGIO
AUGUSTO
DOMINGUES:**
99046520668

Assinado de forma
digital por SERGIO
AUGUSTO
DOMINGUES:99046520
668
Dados: 2022.09.16
13:51:54 -03'00'

Sérgio Augusto Domingues
Presidente
Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica

Ilma Sra.
Luana Magalhães de Araújo Cunha
Diretora de Acompanhamento Legislativo
Secretaria Municipal de Governo - SMGONesta

Manifestação da Gerência do Jardim Zoológico e da Gerência de Educação da FPMZB quanto ao Projeto de lei 391/22.

As Gerências do Jardim Zoológico e de Educação Ambiental se manifestam contrários ao Projeto de Lei 391/22 uma vez que consideram esta proposta um retrocesso no que se refere à educação dentro da própria história mundial dos zoológicos.

Os zoológicos foram, na antiguidade, mantidos como demonstração de poder, riqueza, status e para adoração religiosa. Para os antigos mesopotâmios e egípcios, alguns animais eram representações dos Deuses e por isto, mantinham diversas espécies em seus palácios e monumentos religiosos. Há registros de antigos zoológicos também na China e na Índia, onde os imperadores mantinham espécies de animais e de plantas em locais denominados “Jardins da Inteligência”, porque julgavam importante que seus súditos aprendessem sobre a vida natural, sendo então, locais destinados ao conhecimento. Há registros de que na Grécia e na Roma antigas, havia locais reservados à manutenção de animais, em Roma, principalmente aves. Na América Latina, os exploradores espanhóis ficaram deslumbrados com o zoológico mantido pelo Rei Asteca Montezuma, que abrigava enorme quantidade de aves, anfíbios e mamíferos (Cutro, 1998; Young, 2003; Hancocks, 2010; Cipreste et al, 2022).

A história mostra que ao longo do desenvolvimento da humanidade, o fascínio pelos animais sempre esteve presente e que apesar da cultura de demonstração de poder através de coleções de animais tenha prevalecido por um longo período em algumas regiões do planeta, havia também uma visão de encantamento e busca pelo conhecimento sobre as relações dos animais com o ambiente. Os zoológicos evoluíram ao longo de sua história, deixando para trás a visão de *menageries* ou meros expositores da vida selvagem, para se transformarem em centros de conservação. Para este propósito, hoje os zoológicos trabalham com evidências científicas para manter alto nível de bem-estar físico e mental para seus animais, pois somente quando os animais estão bem e exibindo comportamentos naturais, se realiza um bom trabalho de conservação em diversas frentes, como estudos nas áreas médico-veterinárias, biológicas, comportamentais, ambientais, bem como se realiza os trabalhos voltados à disseminação do conhecimento e à educação.

A conservação é um trabalho realizado todos os dias e com várias metodologias, sendo que o conhecimento gerado em estudos e projetos de pesquisa, realizados em zoológicos, beneficia diretamente os animais que ainda estão na natureza. As relações entre as espécies, entre os animais e o ambiente, o comportamento específico, os estudos epidemiológicos, entre tantos outros, auxiliam nas estratégias de monitoramento e de proteção das diversas espécies e de seus habitats. Além disso, os zoológicos promovem um aprendizado único e diferenciado quanto às técnicas e práticas desenvolvidas para diferentes espécies de animais, tanto no manejo voltado ao bem-estar quanto no tratamento veterinário e, portanto, formam inúmeros profissionais que irão atuar de forma diferenciada nas áreas afins. Os zoológicos têm o poder de encantar, de sensibilizar e trazer memórias afetivas, essenciais no trabalho de educação para a conservação, pois somente quando se estabelece uma conexão com os animais, é possível trabalhar questões como perda de habitat, tráfico

de animais, desmatamento, entre outros tantos problemas que os animais enfrentam hoje em seus habitats. É importante desenvolver nas pessoas o senso de pertencimento e de responsabilidade por seus atos diante da destruição dos ambientes naturais. A mudança de hábitos acontece através do exemplo e do conhecimento e os zoológicos são, naturalmente e culturalmente, um local onde se aprende pelo lúdico e através do encantamento, onde acontece a reconexão das pessoas com os animais e com a natureza.

Através do engajamento de seus visitantes, zoológicos do mundo todo arrecadam fundos para destinação a projetos de conservação e de proteção da fauna e dos ecossistemas. Muitas espécies foram e são salvas da extinção graças aos esforços de zoológicos que se juntaram em uma verdadeira batalha de estudos e destinação de fundos para salvar da extinção e reintroduzir espécies ameaçadas. Entre algumas espécies emblemáticas podemos citar o mico-leão-dourado, a ararinha-azul, o cavalo-de-Przewalski - completamente extinto em seu local de origem e que hoje habita novamente os desertos da Mongólia -, o bisão-americano e o condor-da-Califórnia. Esses são apenas alguns exemplos.

Segundo o site <https://mapbiomas.org/>, o Brasil teve 84,7 Mha de perda de vegetação nativa entre 1985 e 2021 e perdeu 13,1% da vegetação nativa em relação à 1985. Segundo o site, 33% da área antropizada do Brasil aconteceu nos últimos 37 anos, com 269,1 Mha de áreas antrópicas em 2021, apresentando um aumento de 87,5 Mha em relação a 1985. Com o avanço do desmatamento e da perda de habitats resultantes de atividades antrópicas, é importante que instituições, como os zoológicos e aquários, com potencial de influenciar mudanças de atitudes nas pessoas com relação ao meio ambiente, realizem ações de conscientização junto aos seus visitantes, através de atividades educativas que possibilitam a disseminação do conhecimento gerado pelos inúmeros projetos de pesquisa realizados nestas instituições. A ONU (Organização das Nações Unidas), instituiu a década da restauração dos ecossistemas (2021 a 2030) para que todas as partes responsáveis criem, em parceria, estratégias de conservação integrada, com a abordagem *One Plan Approach* – IUCN 2014), trazendo o manejo *ex situ* como uma alternativa de estratégia de conservação para muitas espécies. A parceria *ex situ* com *in situ* reforça não somente o pilar da conservação (conservação, pesquisa, educação e entretenimento), como também, a necessidade da existência dos zoológicos e aquários, sempre criticados por uma sociedade que não foi sensibilizada com informações corretas e coerentes (Schilbach & Morais, 2022).

Algumas instituições avançaram em suas propostas mais rapidamente e outras nem tanto. O importante é que quando se faz uma retrospectiva dessas instituições, percebe-se que ao longo do tempo sua evolução foi marcada por diversas manifestações populares e sempre atrelada ao desenvolvimento científico de cada época. Se hoje os jardins zoológicos, jardins botânicos e aquários têm um papel importante na conservação das espécies e seus ambientes vitais e buscam melhorar suas práticas de manejo e bem-estar animal é porque trabalham comprometidos demonstrando seus resultados aos visitantes, sempre presentes e preocupados com as condições de vida dos animais. Os zoos são as instituições mais visitadas no mundo e com grande audiência. O público sempre teve e terá um papel importante na história dos zoológicos porque eles são um dos atores que têm condições de acompanhar e validar sua evolução. Por meio de recintos bem planejados, animais bem cuidados e informações claras e precisas é que famílias, estudantes e outros grupos organizados aprendem sobre

a importância de respeitar todas as formas de vida. Não podemos fechar os olhos ao inegável poder de transformação que a experiência sensorial é capaz de produzir, poder este que nenhuma tecnologia virtual será capaz de substituir ou superar.

De acordo com a **Estratégia Mundial de Conservação dos Zoológicos e Aquários**, *“as instituições zoológicas são capazes de aproveitar as conexões emocionais especiais entre animais e visitantes para proporcionar oportunidades de aprendizado formais e informais em educação para a conservação e as ciências mais abrangentes da educação ambiental que reforçam as missões dos zoológicos e Aquários”* e, ainda *“zoológicos e aquários devem dispor de equipes de educação dedicadas, que proporcionam experiências de educação para a conservação relevantes aos visitantes em seu cotidiano”*.

Além de manterem sob seus cuidados uma parcela importante da biodiversidade do planeta, os zoológicos e aquários são niveladores sociais, espaços inclusivos cujo potencial educativo é acessível a qualquer classe social. Pessoas de diferentes culturas, faixas-etárias, raças, gêneros, religiões e níveis socioeconômicos visitam diariamente estas instituições com objetivos diversos. A maioria deseja conhecer animais de diferentes regiões do mundo, há aquelas que buscam descanso e contemplação da natureza e outras têm finalidades pedagógicas. Por esses motivos, os zoos têm capacidade de realizar um trabalho de educação e sensibilização para questões ambientais com grande alcance.

Jardins zoológicos, botânicos e aquários são considerados espaços de educação não formal, uma vez que as pessoas compartilham o momento de uma visita, trocando ideias, informações, impressões e emoções, por isso são altamente sociais e possuem caráter de aprendizagem social, diferentemente do que acontece na escola. Pelos recursos e peculiaridades que possuem, podem propiciar informações sobre temas científicos, muitas vezes não disponíveis em qualquer outro lugar. Vale ressaltar que a educação não formal não é apenas um complemento à educação formal, é uma continuidade do processo de formação do indivíduo e fator de ampliação cultural, com um contexto histórico e social único e que deve ser valorizado. Além disso, podem funcionar como palcos de discussão e debate sobre os desafios que a sociedade enfrenta. Têm uma capacidade incrível de conectar pessoas e formar redes em prol da conservação.

O Jardim Zoológico de Belo Horizonte recebe anualmente cerca de 150 mil alunos das redes de ensino pública e privada, além de outras instituições assistenciais (dados de 2017). Os grupos escolares variam da Educação Infantil ao Ensino Superior, e durante a visita eles são envolvidos em programas e estratégias educativas, que visam proporcionar maior interesse e engajamento pelos diferentes temas abordados. Acredita-se que assim, essas pessoas possam tornar-se não apenas mais receptivas às informações científicas, mas que elas fiquem mais inseridas na realidade do mundo em que vivem.

Em um mundo cada vez mais tecnológico e cheio de estímulos, onde as informações estão facilmente acessíveis, o encantamento que uma pessoa experimenta quando tem a oportunidade de estar próximo e observar um animal silvestre é algo marcante, para não dizer emocionante. E, considerando que poucas são as pessoas que têm condições de viajar para diferentes regiões do

planeta com o propósito de observar os animais em seus *habitats*, os bons zoológicos, aqueles que se preocupam com o bem-estar dos animais que abrigam, podem contribuir para essa missão de gerar empatia e de fortalecer a conexão com a natureza.

Não resta dúvida que por meio virtual as pessoas adquirem conhecimentos científicos importantes e corretos sobre a vida animal, mas a educação ambiental que se pretende não será obtida por meio da simples transmissão de conhecimentos científicos impostos ao cérebro, mecanicamente. Além disso, neste sentido, o site do Dr. Dráusio Varella <https://drauziovarella.uol.com.br/coluna-2/criancas-adolescentes-e-o-excesso-de-telas-coluna/> afirma que ainda são necessários mais estudos para definir de fato os problemas relacionados ao uso de telas, mas aponta uma revisão sistemática, que demonstra que há evidência considerável quanto à relação entre o excesso de tempo em frente às telas e problemas de saúde, como obesidade e sintomas de depressão em crianças e jovens. O site aponta que, de acordo com a SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria), os transtornos de sono são cada vez mais frequentes e associados aos transtornos mentais precoces em crianças e adolescentes. O brilho das telas contribui para o bloqueio da melatonina e para a prevalência cada vez maior das dificuldades de dormir e manter uma boa qualidade de sono à noite, na fase de sono profundo, com aumento de pesadelos e terrores noturnos. A falta de sono adequado pode ainda estar relacionada a diversos transtornos, como problemas de memória e dificuldade de concentração, que estão associados aos transtornos de déficit de atenção e hiperatividade. Ainda neste site, o neurologista Leandro Teles, membro da Academia Brasileira de Neurologia, reforça a importância da vivência para a memória, “você precisa de uma boa vivência, e essa vivência tem que ser profunda, complexa, com tempo; você precisa depois consolidar essa informação para que ela possa ser carregada por anos ou até por décadas, por uma vida inteira”.

O guia da OMS (Organização Mundial da Saúde), sobre atividade física, comportamento sedentário e sono para crianças abaixo de 5 anos de idade, aponta a falta de atividade física como um fator de risco crescente para a mortalidade no âmbito global e contribuinte para o aumento das taxas de sobrepeso e obesidade. Segundo a OMS, cerca de 40 milhões de crianças em todo o mundo – em torno de 6% do total de meninos e meninas – estão acima do peso. Conforme orientações da Academia Americana de Pediatria (AAP) e Organização Mundial de Saúde (OMS) e Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), crianças entre 18 meses e 2 anos a recomendação é pouca ou nenhuma exposição a telas; de 3 a 5 anos, a exposição pode ser até uma hora por dia; entre 6 e 10 anos, a exposição a tela pode ser entre 1 hora e 1 hora e meia por dia; entre 11 e 13 anos a criança pode usar telas por até 2 horas por dia. Os órgãos sugerem que a família monitore o uso das telas e façam substituições ao uso excessivo por outras atividades, como leitura, jogos, passeios a parques, entre outros.

A educação para conservação será obtida através do que for oferecido à estrutura afetiva e emocional. Segundo a **Associação Internacional de Educadores de zoológicos**, educação para a conservação é “o processo de influenciar as atitudes das pessoas e suas emoções, através de informações sobre a vida selvagem e a natureza. Isto é feito através dos esforços de educadores e intérpretes especializados, que utilizam uma variedade de técnicas, métodos e avaliações para reconectar as pessoas ao mundo natural”.

Se os zoológicos não oferecerem uma estrutura e manejo dignos aos animais que estão sob seus cuidados e não passarem uma mensagem educativa de conservação bastante eficiente, as pessoas

certamente ficarão indignadas. E é por causa disso que as informações e experiências vivenciadas nesses espaços podem ser significativas nas suas vidas. Os visitantes após contato com os animais em zoológicos ganham outro importante papel que é o de se engajarem em prol da conservação daquilo que conheceram. Como as pessoas vão respeitar aquilo que desconhecem? A visita ao zoológico estimula todos os sentidos, por isso contribui também para melhorar o bem-estar emocional dos seres humanos.

Segundo a **Estratégia Mundial de Zoológicos e Aquários para a Conservação** (WAZA, 2015), os zoológicos e aquários devem “...desenvolver programas educacionais que ajudem a esclarecer as origens socioeconômicas das ameaças que afetam a natureza, desempenhando assim um papel ativo na sensibilização da opinião pública e política sobre a relação entre o consumo, o estilo de vida, a sobrevivência das espécies e os sistemas biológicos.”

Seguindo essa recomendação e baseado em outro documento - “**Mudança Social para a Conservação: A Estratégia Mundial de Educação para Conservação de Zoológicos e Aquários** (IZE/WAZA, 2020), o setor de educação do Zoológico de Belo Horizonte que possui uma estrutura física e equipe técnica qualificada e diversa, fez em 2022 uma revisão do seu programa para dar continuidade aos seus projetos educativos, científicos e culturais junto ao público interno e externo. Além disso, apoia atividades dos educadores e contribui para formar pessoas sensíveis e dispostas a atuar na área ambiental, colaborando dessa forma para a conservação da fauna e da flora, e para a formação do cidadão. É responsável pela formação profissional de estudantes de diversos cursos afins à temática da Instituição, tais como: Ciências Biológicas, Medicina Veterinária, Zootecnia, Pedagogia, Engenharia Ambiental e Florestal, Agronomia, dentre outros.

Acreditamos que o Zoológico de Belo Horizonte, localizado na região da Pampulha que faz parte do Patrimônio Cultural da Humanidade, com sua história de mais de 60 anos, referência nacional nas áreas de manejo, bem-estar animal e, também, de educação, não deve deixar de contribuir com a sociedade justamente nesse momento de crescentes e graves ameaças ambientais. É fato que como ponto turístico deve sempre procurar oferecer condições adequadas para a visitação. Os zoológicos, como áreas abertas e vegetadas, estimulam o exercício físico, a convivência em família e o contato com a natureza, fatores que contribuem com a qualidade de vida das pessoas. Negar esta convivência e experiências de imersão no mundo natural não se apresenta como uma estratégia de inclusão, negar o acesso a um local que oferece contato com a natureza, opções de lazer e de conhecimento, é um desserviço. É possível manter animais, plantas, pessoas e o ambiente em harmonia. Não podemos simplesmente fechar as portas e nos furtar da responsabilidade social e ambiental.

Vale ressaltar que nada substitui a experiência de ver de perto, sentir os odores, perceber a dimensão de cada espécie frente ao ambiente em que está e observar um animal interagindo em seu recinto e com seus coespecíficos, para tocar ou sensibilizar e realmente estimular o engajamento das pessoas em uma causa. É importante conhecer o trabalho destas instituições e seu impacto na geração de conhecimento e na educação, através da sensibilização da população, para fazer um paralelo com a atuação de criadouros a afins. Estes, no que diz respeito à transparência em sua atuação, à fiscalização quanto ao cumprimento de normativas e ainda, com relação à disseminação de conhecimento e sensibilização das pessoas quanto à conservação, com certeza não exercem o mesmo impacto de um zoológico ou aquário, simplesmente por não poderem atuar da mesma maneira e por

não conseguirem arrecadar fundos para executar trabalhos de conservação. Falta ainda à estas instituições recursos satisfatórios para atuar de acordo com as melhores práticas de manejo.

Não se trata de generalizar e acabar com o trabalho desenvolvido por instituições sérias e que prestam um serviço voltado à geração e disseminação do conhecimento, aos trabalhos de conservação, de educação e ao atendimento à população. É importante que uma lei seja criada para gerar trabalhos coerentes com as necessidades da sociedade como um todo, incluindo os animais e a preservação dos ecossistemas. É importante que se trabalhe para engrandecer o trabalho desenvolvido por zoológicos e aquários, gerando recursos para que se multiplique e melhore o que já está sendo feito. O radicalismo sempre gera frutos duvidosos e descabidos, exatamente porque suas ações não refletem a realidade, muito menos as reais necessidades de um órgão, de uma entidade e/ou da própria sociedade como um todo.

Em resposta a um entrevistador, a ambientalista e especialista em chimpanzés Dra. Jane Goodall, respondeu ao questionamento sobre a sua visão dos zoológicos modernos. Segue abaixo um trecho desta entrevista, já traduzida:

“Mongabay.com: Durante sua coletiva de imprensa, um repórter pediu sua opinião sobre os zoológicos modernos, ao qual você respondeu que preferiria ser um chimpanzé em um deles do que como eles às vezes precisam viver na natureza. Você pode dizer mais?”

Goodall: É que eu conheço tantos lugares onde os chimpanzés tentam sobreviver em florestas que estão sendo derrubadas ilegalmente, ou exploradas por grandes empresas com licenças. Quando os chimpanzés tentam se afastar, é mais do que provável que encontrem indivíduos de outra comunidade: como são altamente territoriais, isso significa que os intrusos serão atacados e esses ataques geralmente resultam em morte. Além disso, os caçadores colocam armadilhas de arame para antílopes, porcos, etc., para alimentação e, embora os chimpanzés sejam fortes o suficiente para quebrar o arame ou puxar uma estaca do chão, o laço aperta uma mão ou um pé. Muitos perdem mãos ou pés, ou morrem de gangrena.

E depois há o comércio de carne de caça – a caça comercial de animais para alimentação. E o fuzilamento de mães para roubar seus bebês para o comércio ilegal que recomeçou como resultado de uma demanda da China e de outros países asiáticos e dos Emirados Árabes Unidos. Finalmente, à medida que as pessoas se entram nas florestas, elas levam doenças com elas, e os chimpanzés, que compartilham mais de 98% do nosso DNA, são suscetíveis às nossas doenças contagiosas.

Agora pense como os melhores zoológicos de hoje não só têm recintos muito maiores, mas também funcionários bem qualificados que não apenas entendem, mas também se preocupam com os chimpanzés, como indivíduos, e não apenas como espécies. E grande esforço é colocado em atividades de enriquecimento, tanto mental quanto físico. Combater o tédio é de extrema importância para garantir um grupo bem ajustado e “feliz”. Isso, é claro, se aplica não apenas aos chimpanzés, mas a todos os animais com um mínimo de inteligência. E estamos aprendendo cada vez mais sobre a inteligência animal o tempo todo. A última novidade é o polvo!

Uma palavra final: há uma crença equivocada de que os animais em seu habitat natural são, por definição, melhores. Não é verdade, necessariamente”.

A PROPOSTA EDUCATIVA DO ZOOLOGICO DE BELO HORIZONTE
EDUCAÇÃO PARA CONSERVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE – FPMZB-2022

Missão: “Contribuir para o fortalecimento da cultura de respeito à vida, baseada no relacionamento saudável das pessoas entre si e com o meio ambiente”.

Visão: Contribuir para a sensibilização e conscientização das pessoas, resultando em mudanças de comportamentos e atitudes sustentáveis que contribuam para a conservação dos ambientes natural e antrópico.

Valores: pretende-se que por meio da educação para conservação se consiga estimular: a **COOPERAÇÃO** entre as pessoas, a **AUTONOMIA** - capaz de torná-las aptas para contribuir para minimizar os problemas ambientais - a compreensão sobre a **DIVERSIDADE** e o **RESPEITO** a todas as formas de vida.

Propósitos:

- Sensibilizar o público para uma convivência harmônica entre pessoas + animais + plantas + ambiente, promovendo o equilíbrio das relações entre estes para o bem-estar comum;
- Atrair, cativar, motivar e habilitar as pessoas para engajarem de forma positiva na conservação da biodiversidade e dos recursos naturais;
- Fortalecer a conexão das pessoas entre si e com a natureza, em especial com a Zoobotânica e os Parques Municipais, a fim de aumentar a compreensão e o respeito sobre os ambientes natural e construído;
- Aumentar o conhecimento sobre a fauna e flora nativas e os ecossistemas que os Parques Municipais protegem;
- Apresentar os serviços ambientais que as áreas verdes prestam em micro e macroescala e sua relevância na promoção do equilíbrio ambiental e das saúdes física e mental das pessoas;
- Estimular comportamentos éticos, sustentáveis e colaborativos.

DEPOIMENTO DE ALGUNS VISITANTES APÓS VISITAS AO JARDIM ZOOLOGICO

“Passando para agradecer pela oportunidade concedida a muitas famílias que não tem condições de ter nenhum tipo de lazer. E outras que nem conhecia o zoológico. Somos eternamente grato que pra muitos é algo simples mas pra muitas crianças foi uma experiência sem tamanho”.

“Envio este email para agradecer a recepção e mediação na visita da última sexta-feira. Foi bem interessante conciliar uma atividade focada no Aquário com uma passagem pelos caminhos do Zoológico. Igualmente importante foi levá-los a um espaço que também é deles e muitos nunca tinham ido e desejaram retornar em breve. Esperamos não ter prejudicado a rotina de vocês, especialmente a dos próprios peixes. No silêncio de cada tanque, imagino quanta vida não é compartilhada entre as espécies. Me senti muito estimulada a conhecer mais do São Francisco”.

“Foi simplesmente incrível! Animais selvagens são incríveis e é surreal conhecer diferentes espécies tão de perto assim. Cada um com sua peculiaridade e cuidado/ diferença no manejo. Chorei, me emocionei e, principalmente, aprendi muito! É muito diferente quando vemos na prática o manejo com os animais em zoológicos, de forma que o aprendizado seja extremamente superior e aproveitado, quando comparado a leituras ou vídeos, apesar de também serem muito importantes. Porém, o que presenciei no Zoo, com certeza não esquecerei e, daqui para frente, irei utilizar na minha vida acadêmica e profissional! Um contato assim faz com que a gente tenha ainda mais certeza que queremos seguir nessa área! ”

“Entrei no GEAS com a intenção de trabalhar com primatas após minha graduação (entretanto cada dia eu me apaixono por um animal diferente agora), já tinha ido em outros zoológicos, mas fiquei apaixonada com os primatas, principalmente com os gorilas é aquele recinto maravilhoso, passaria um dia inteiro só olhando para eles. Além disso, sempre fui em zoológicos desde criança, e sempre foi meu sonho conhecer os bastidores de um, e deixo meu agradecimento aqui pra vocês que fizeram isso acontecer, foi sensacional! “

Referências:

- Azevedo, C.S. & Barçante, L. 2018. Enriquecimento ambiental em zoológicos brasileiros: em busca do bem-estar animal. Revista Brasileira de Zoociências 19(2): 15-34
- Azevedo, C. S., Cipreste, C. F., Pizzutto, C.S. 2022. Enriquecimento Ambiental e Bem-estar Animal, pp 9-14. In Azevedo, C. S., Cipreste, C. F., Pizzutto, C. S. (Eds). Fundamentos do Enriquecimento Ambiental, 1a ed. Editora Payá, São Paulo.
- Cutro, J. M. 1998 Jardin Zoológico de la Ciudad de Buenos Aires 110o aniversário. Jardin Zoológico de la Ciudad de Buenos Aires, 1st ed. Buenos Aires, Argentina.
- Cipreste, C. F., Pizzutto, C.S., Azevedo, C. S. 2022. Breve História das Coleções de Animais e a Evolução do Enriquecimento Ambiental, pp 1-8. In Azevedo, C. S., Cipreste, C. F., Pizzutto, C. S. (Eds). Fundamentos do Enriquecimento Ambiental, 1ª ed. Editora Payá, São Paulo.
- Pizzutto, C.S. & Morais, I. O. B. 2022. Enriquecimento ambiental como ferramenta para a conservação, pp 273-283. In Azevedo, C. S., Cipreste, C. F., Pizzutto, C. S. (Eds). Fundamentos do Enriquecimento Ambiental, 1a ed. Editora Payá, São Paulo.

Young, R.J. 2003. Environmental Enrichment for Captive Animals. Blackwell: Oxford.
“Projeto MapBiomass – Mapeamento Anual de Cobertura e Uso da Terra no Brasil - Coleção 7, acessado em [DATA] através do link: [LINK]”
SBP - https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas_MaisSaude.pdf
AAP - <https://www.aap.org/en-us/advocacy-and-policy/aap-health-initiatives/Pages/Media-and-Children.aspx>
Produzido pela Associação Brasileira de Otorrinolaringologia e Otorrinopneumologia - ABOPe - <https://www.abope.org.br/>
<https://drauziovarella.uol.com.br/coluna-2/criancas-adolescentes-e-o-excesso-de-telas-coluna/>
<https://news.mongabay.com/2016/10/jane-goodall-on-zoos-and-tech-as-conservation-tools/>

Legislação Nacional

- Instrução normativa do IBAMA nº 07, 30 de abril de 2015;
- Resolução CONAMA nº 339, de 25 de setembro de 2003
- Lei nº 9.795, de 1999, define a Política Nacional de Educação Ambiental.
- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental:
<https://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/destaques/34-diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-ambiental.html>

Diretrizes internacionais:

- Mudança Social para a Conservação: A Estratégia Mundial de Educação para Conservação de Zoológicos e Aquários (IZE/WAZA, 2020).
- Estratégia Mundial para Sustentabilidade – WAZA/2020-2030.
- Estratégia Mundial de Conservação dos Zoológicos e Aquários – WAZA/2015.
- Estratégia Mundial de Bem-estar Animal dos Zoológicos e Aquários – WAZA/2015.

AVULSOS DISTRIBUÍDOS

Em 22/9/22

JRK-685

Responsável pela distribuição